

A inveja e o medo masculinos na obra de Karen Horney

Hiago Abreu Nunes¹

Fátima Caropreso²

Resumo

Ao longo de sua obra, a psicanalista Karen Horney abordou diversos aspectos do desenvolvimento sexual feminino, desde a formação do complexo de castração nas mulheres até os conflitos maternos. Ela propôs ideias que auxiliam na compreensão da influência do contexto social no desenvolvimento da teoria psicanalítica e permitem repensar a centralidade atribuída por Freud, em sua teoria, à angústia de castração e à inveja do pênis. Apesar de seu principal interesse ter sido a sexualidade feminina, a autora teorizou e descreveu fatos inéditos sobre o desenvolvimento dos homens, mais especificamente, sobre a inveja e o medo masculinos. No entanto, apesar de sua relevância, esse aspecto de seu pensamento permanece pouco conhecido e explorado. O objetivo deste artigo é apresentar as hipóteses de Horney sobre o desenvolvimento masculino a partir de uma análise conceitual de quatro textos, publicados entre 1926 e 1932, nos quais a temática em questão é abordada.

Palavras-chave: Psicanálise. Karen Horney. Desenvolvimento masculino. Medo. Inveja. Feminilidade.

¹ Psicólogo e mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8513-3428> E-mail de contato: hiago.nunes@estudante.uff.br Instagram: @psi.hiagon

² Professora do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Visiting fellow na Universidade de Essex (2024-2028). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8197-1479> E-mail de contato: fatimacaropreso@uol.com.br

Introdução

Ao longo de sua obra, a psicanalista alemã Karen Horney abordou diversos aspectos do desenvolvimento sexual feminino, desde a formação do complexo de castração nas mulheres até os conflitos maternos. Sua produção teórica sobre a feminilidade ocorreu majoritariamente nas décadas de 1920 e 1930, momento em que a feminilidade, a sexualidade feminina e as diferenças sexuais começaram a ser mais discutidas na psicanálise, como apontam Silva e Ferrari (2023). De acordo com Balsam (2013), Horney percebeu como o viés falocêntrico europeu influenciava a obra de Freud e seus seguidores. Ela reconheceu que havia uma lacuna no conhecimento sobre a psicologia feminina, já que a psicologia sobre mulheres era considerada somente pelo ponto de vista dos homens (Horney, 1926/1967). A autora foi considerada uma das mulheres que inseriram pautas feministas no movimento psicanalítico, ao descrever a sexualidade e o desenvolvimento feminino a partir do ponto de vista de uma mulher (Silveira, 2020).

Paris (1996) argumenta que as ideias de Karen Horney podem ser divididas em três fases. A primeira se estende do início dos anos 1920 até o início dos anos 1930, período no qual ela escreveu vários ensaios propondo ideias novas, principalmente sobre a psicologia feminina. Embora tais publicações tenham sido debatidas e gerado controvérsias quando apareceram, logo em seguida foram amplamente ignoradas, comenta o autor. Na segunda fase, com a publicação dos livros “A Personalidade Neurótica do Nosso Tempo” (Horney, 1937) e “Novos Caminhos da Psicanálise” (Horney, 1939), a ênfase sobre a cultura e as relações interpessoais, que já havia emergido em seus ensaios sobre a feminilidade, veio para o primeiro plano. Nessa etapa, Horney propôs um modelo para a estrutura das neuroses no qual as condições adversas do ambiente como um todo seriam os principais fatores do adoecimento neurótico. A publicação do primeiro desses livros teve um impacto enorme e a tornou famosa. Na última fase de seu pensamento, com a publicação de “Nossos conflitos internos” (Horney, 1945) e dos textos que se seguiram, ela desenvolveu sua teoria madura, abordando, em especial, a questão de como as pessoas lidam com a ansiedade produzida pela frustração de necessidades psicológicas básicas, negando seus sentimentos reais e desenvolvendo estratégias de defesa elaboradas. Apesar de seu principal interesse, na etapa inicial de sua obra, ter sido a sexualidade feminina, Horney teorizou e descreveu fatos inéditos sobre o desenvolvimento dos homens, mais especificamente, sobre a inveja e o medo masculinos. Esse aspecto de seu pensamento, no entanto, permaneceu pouco conhecido e explorado. O objetivo deste artigo é apresentar as hipóteses da autora sobre o desenvolvimento masculino, a partir da análise de quatro de seus principais textos sobre o tema: “A gênese do complexo de castração nas mulheres” (Horney, 1923/1967), “A fuga da feminilidade: o complexo de masculinidade nas mulheres segundo as óticas masculina e feminina” (Horney, 1926/1967), “A desconfiança entre os sexos” (Horney, 1931/1967) e “Medo da mulher: observações sobre a diferença específica no medo sentido por homens e mulheres em relação ao sexo oposto” (Horney, 1932/1967). O presente estudo se justifica pela atualidade e importância das ideias de Horney para a compreensão da sexualidade feminina e masculina, bem como pela escassez de literatura sobre o tema. Apesar da grande presença, na atualidade, de debates sobre gênero

e sexualidade, as discussões sobre esse tema no campo psicanalítico ainda se baseiam, em grande medida, nas hipóteses de Freud, Lacan e outros psicanalistas que adquiriram maior proeminência na história dessa disciplina. A obra de Karen Horney permite problematizar a centralidade da perspectiva masculina na teoria e na prática psicanalíticas e deslocar o foco da diferença anatômica para fatores culturais e sociais relacionados ao desenvolvimento de homens e mulheres.

A inveja masculina

No texto “A gênese do complexo de castração nas mulheres”, Karen Horney (1923/1967) argumenta que os homens apresentam alguns privilégios relacionados à sua sexualidade, principalmente em estágios pré-genitais, o que justifica a inveja do pênis presente nas mulheres. Ela explica que as crianças superestimam de forma narcísica o processo excretor, o que faz com que a menina sinta inveja da forma como meninos urinam, já que eles conseguem observar seu órgão sexual durante a excreção e, assim, satisfazer seus desejos escopofílicos. Ademais, o menino apresenta uma permissão implícita para a masturbação, por poder segurar o pênis ao urinar, enquanto a menina é ativamente reprimida pelos pais e pela sociedade. Horney aponta que a possibilidade de mostrar o pênis livremente, tocá-lo e observá-lo satisfaz a curiosidade sexual do menino, pelo menos a referente ao próprio corpo.

Em “A fuga da feminilidade: o complexo de masculinidade nas mulheres segundo as óticas masculina e feminina”, Horney (1926/1967) levanta a hipótese de que o fato de haver um tabu menor na exploração do próprio corpo por parte do menino faz com que a objetividade do homem seja maior, uma vez que seu impulso de investigação se satisfaz no exame de si mesmo, podendo, posteriormente, ser direcionado a objetos externos. Ela estabelece uma contraposição com a “maior subjetividade da mulher”, que, por não ser submetida a essa exploração, não consegue alcançar um conhecimento claro de si mesma, o que torna mais difícil direcionar seu impulso de investigação para objetos externos.

Horney (1923/1967) enfatiza também uma característica pouco explorada do homem neurótico. Nele, o desejo de ser mulher, proveniente da identificação com a mãe, estaria em desacordo com o narcisismo consciente, mas também seria rejeitado por uma segunda razão: ser mulher realizaria todos os seus medos de castração e de punição centrados em sua região genital. Três anos depois, ela publica o artigo “A fuga da feminilidade: o complexo de masculinidade nas mulheres segundo as óticas masculina e feminina” (Horney, 1926/1967), no qual questiona de maneira incisiva a centralidade do homem no desenvolvimento da teoria psicanalítica, embora reconheça a importância de Freud para o estudo do desenvolvimento feminino.

Segundo Freud (1931/2010, 1933/2010), na fase fálica do desenvolvimento psicosssexual, as zonas erógenas predominantes seriam o pênis no menino e o clitóris na menina. Nesse momento, as crianças começariam a perceber as diferenças anatômicas entre os sexos, o que produziria, nas meninas, uma inveja por não possuir pênis e as levaria a questionar o motivo pelo qual não receberam esse órgão da mãe. Essa descoberta produziria um deslocamento do investimento libidinal da mãe para o pai, de forma que as meninas ingressariam no complexo

de Édipo com a castração já consumada e, portanto, não apresentariam uma intensa angústia de castração como os meninos. Neles, a angústia de castração levaria a uma saída abrupta do complexo de Édipo, ao passo que, nas meninas, tal saída seria gradual devido à ausência de tal fato impulsor. De maneira geral, apoiando-se nas ideias de Deutsch (1925/1927), Freud (1931/2010, 1933/2010) diz que, para se tornar uma mulher feminina, a menina deve deslocar o foco do clitóris para a vagina, abandonando assim a masculinidade e abraçando a feminilidade. Horney (1926/1967) questiona essa afirmação. Ela não nega a existência de uma inveja do pênis, mas questiona sua centralidade e intensidade na vida das mulheres. A autora aprofunda a compreensão de tal inveja, ao esclarecer que a menina inveja nos meninos, em especial a possibilidade de manipular e ver seus órgãos genitais. Além disso, ela se questiona se não existiria uma inveja semelhante no desenvolvimento masculino. Como aponta Balsam (2013), Horney, psicanalista e mãe de três filhas, escreveu sobre a maternidade e questionou-se:

Neste ponto, eu, como mulher, pergunto com espanto, e a maternidade? E a consciência abençoada de carregar uma nova vida dentro de si? E a felicidade inexplicável causada pela expectativa da aparência de um novo ser? E a alegria quando ele finalmente aparece e se segura nos braços pela primeira vez? E o profundo sentimento prazeroso de satisfação ao amamentá-lo e a felicidade de todo o período em que o bebê precisa dos seus cuidados? (Horney, 1926/1967, p. 60).

A autora argumenta que a mulher apresenta uma superioridade biológica clara, quando comparada ao homem, devido à sua capacidade de gestar e maternar. Ela percebe, em seus pacientes masculinos, que o menino sente uma inveja intensa da maternidade, da gravidez, do parto, dos seios e da amamentação. A inveja masculina, no entanto, teria maior capacidade de ser sublimada de forma bem-sucedida quando comparada à inveja do pênis, servindo como uma força motriz para estabelecer valores culturais (Horney, 1926/1967). Essa sublimação é exemplificada pelo impulso criativo dos homens em todas as áreas de trabalho, sendo justamente uma forma de compensar o pequeno papel que eles possuem na criação de outros seres humanos (Bayne, 2011).

Além de se manifestar em casos clínicos, a inveja masculina também pode ser observada em mitos de diversas culturas. Akçeşme (2023) comenta que ela está presente em alguns mitos gregos, como o de Cronos, pai dos deuses do Olimpo. De acordo com o mito, Cronos engoliu os filhos, o que representa sua fantasia de gravidez, e depois os vomitou, simbolizando o parto.

Horney aponta também que a inveja masculina é mais intensa quando comparada à inveja do pênis, uma vez que a verdadeira desvantagem anatômica feminina só existe no período pré-genital. Ela argumenta que é possível observar que a organização genital da mulher adulta não apresenta nenhuma desvantagem biológica em relação à do homem, já que ela possui uma capacidade para o coito diferente, mas não inferior à masculina. Em contrapartida, a função do homem na reprodução é consideravelmente menor do que a da mulher. Horney levanta a hipótese de que, para apaziguar o sentimento de clara desvantagem nessas áreas, os homens criaram uma convicção da inferioridade feminina. Eles possuiriam tendências inconscientes poderosas para depreciar as mulheres, criando e alimentando uma cultura patriarcal que convence a mulher de sua inferioridade. Dessa

forma, devido ao estigma de inferioridade, os homens reprimiriam fortemente seus desejos femininos, criando uma sociedade que facilita sua sublimação, especula a autora (Horney, 1926/1967).

A autora argumenta que, além dos fatores sociais que favorecem o desenvolvimento de sua masculinidade, o menino tem a capacidade de confirmar, ao inspecionar sua genitália, que nada aconteceu com ela, o que acalma seu medo de castração.

Em seu texto sobre a feminilidade, no qual reafirma sua hipótese sobre a importância da inveja do pênis para o desenvolvimento feminino e se apoia em psicanalistas mulheres, como Helene Deutsch e Jeanne Lampl-de Groot, Freud admite não ter adquirido uma compreensão satisfatória sobre a feminilidade. Ele cita o texto de Horney sobre a fuga da feminilidade e manifesta sua discordância a respeito das ideias dessa autora sobre a inveja do pênis, na seguinte passagem:

Alguns autores tendem a reduzir a importância dos primeiros e primordiais impulsos libidinais da criança em favor de processos de desenvolvimento posteriores . . . assim, por exemplo, Karen Horney . . . acha que a inveja primária do pênis é muito superestimada por nós, enquanto atribui a intensidade do empenho por masculinidade, depois exibido, a uma inveja do pênis secundária, utilizada pela garota para defender-se dos impulsos femininos, em especial da ligação feminina ao pai. Isso não corresponde a nossas impressões (Freud, 1931/2010, p. 397).

Freud se recusa, portanto, a abrir mão da centralidade do papel desempenhado pela inveja do pênis no desenvolvimento psicológico da menina, discordando, nesse aspecto, das ideias de Horney. Embora a cite explicitamente, ele não comenta suas hipóteses sobre a inveja masculina. Ao discutir a inveja masculina e suas consequências, além de elucidar o processo de construção de uma sociedade patriarcal, Horney aborda o sofrimento reprimido que os homens sentem em relação às mulheres. A autora também percebe que, junto a essa inveja, existe um medo das mulheres.

O medo masculino

Na palestra “Desconfiança entre os sexos”, proferida no final de 1930 e publicada em 1931, a origem da desconfiança entre homens e mulheres é abordada. Horney ressalta que aspectos individuais são importantes, mas considera que, tendo em vista a abundância de casos de relacionamentos hostis entre homens e mulheres, é possível afirmar que o problema é de âmbito geral (Horney, 1931/1967). Ela aponta como as pessoas colocam todas as expectativas em apenas um parceiro, algo fadado ao fracasso ou insatisfação. Tais expectativas seriam, muitas vezes, controladas por desejos inconscientes controversos, pois “o parceiro precisa ser forte e, ao mesmo tempo, frágil, ser dominador e dominado, ascético e sensual. Ele deve nos estuprar e ser gentil, ter tempo exclusivo para nós e, ao mesmo tempo, estar envolvido no trabalho criativo” (Horney, 1931/1967, p. 109, tradução nossa).

A autora defende que existe uma relação entre as experiências infantis com os pais e a experiência entre os sexos. Na infância, experiências negativas com o sexo oposto são inevitáveis. Durante essa fase, a criança apresenta impulsos agressivos direcionados aos

pais, os quais, geralmente, não são levados a sério. No entanto, em sua fantasia infantil, ela teme uma possível retaliação dos pais, pessoas que, supostamente, a amam. Essas angústias infantis seriam revividas na vida adulta, gerando um medo e uma desconfiança do amor e do sexo oposto, em suma, um medo de ser machucado ou de machucar a quem se ama (Horney, 1931/1967).

Em seu texto de 1931, Horney comenta que existe, no relacionamento entre crianças e seus pais, uma fantasia inicial de que os responsáveis podem fornecer tudo, porém essa ideia é frustrada quando a criança é confrontada com a realidade e percebe que os pais são incapazes de fazer isso. Segundo ela, essa mesma dinâmica estaria presente no relacionamento entre os sexos, nos quais traços de desconfiança, derivados de experiências infantis, são reavivados diante da percepção de que os parceiros são tão incapazes quanto os pais de proporcionar tudo (Horney, 1931/1967). Nessa palestra, Horney (1931/1967) argumenta que, em diversas culturas, as atitudes dos homens para com as mulheres são pautadas por essa desconfiança, a qual teria um papel central em sociedades patriarcais. Ela aponta que, mesmo homens que apresentam um relacionamento positivo com mulheres, podem possuir uma desconfiança secreta, relacionada a sentimentos formativos infantis direcionados a suas mães. Tal desconfiança, posteriormente chamada de medo, estaria enraizada no sexo. A autora afirma que é perceptível que, em muitas sociedades, o medo está centrado em mulheres em idade sexual. Um exemplo dessa atitude masculina em relação às mulheres pode ser observado na Idade Média, período em que o culto à maternidade “pura” aconteceu paralelamente à caça às bruxas. A dualidade entre a adoração da maternidade assexual e a queima de mulheres sensuais expôs a angústia masculina implícita (Horney, 1931/1967).

Outro ponto interessante, aprofundado por Horney (1931/1967), é a relação do homem com a maternidade. Ela comenta que, apesar de invejá-la, até os homens mais misóginos reconhecem que a mulher é necessária para a reprodução e o cuidado dos filhos e a respeitam, em determinados contextos. A autora aponta duas atitudes masculinas em relação à maternidade. A primeira é a apreciação da maternidade como uma característica da mulher, como a mãe generosa que nutre, se sacrifica e atende às necessidades do homem. A Virgem Maria é citada como exemplo dessa imagem. Por outro lado, o homem inveja o poder da criação de novos seres humanos que a mulher possui, o que o lembra do papel ínfimo que ele tem na reprodução. Devido ao seu papel na criação da vida, o homem teria desenvolvido atividades culturais das quais se possa orgulhar, como a arte, a ciência, o estado e a religião (Horney, 1931/1967). Dessa maneira, o sentimento dos homens em relação às mulheres seria misto, pois “é contrário à natureza humana manter a apreciação sem ressentimento em relação às capacidades que não se possui” (Horney, 1931/1967, p. 115, tradução nossa). No entanto, como ocorre em casos de sublimação, um resíduo do ressentimento masculino permanece. Horney (1931/1967) aponta que esse fenômeno é observado na atitude defensiva dos homens quando mulheres tentam adentrar seus domínios, assim como na desvalorização da gravidez e do parto e na ênfase no genital masculino. Ela comenta que a gravidez ilegítima, por exemplo, é malvista, enquanto a irresponsabilidade sexual masculina é ignorada. A visão da mulher como mero objeto sexual também manifestaria a necessidade dos homens de desvalorizá-la.

A psicanalista ainda apresenta uma questão ao analisar o mundo animal. Ela aponta que, na maioria das vezes, é o macho que tem que conquistar a fêmea para o acasalamento e questiona: “Seria possível que o homem fosse mais sexualmente dependente da mulher, do que ela dependente dele, devido à maior energia sexual ligada ao processo de geração de outra vida? Seria por isso que o homem tem interesse em manter a mulher dependente?” (Horney, 1931/1967, p. 117, tradução nossa). Essas problemáticas permanecem não respondidas nos artigos analisados.

Para Horney, portanto, os problemas de poder entre homens e mulheres têm origem psicogênica e se desenvolvem a partir da relação entre crianças e pais. Segundo ela, nas sociedades patriarcais, a desconfiança e o medo masculinos fazem com que a sociedade se estruture a partir da desvalorização das mulheres, com algumas exceções relacionadas à maternidade.

Em 1932, a autora publica o texto “Medo da mulher: observações sobre a diferença específica no medo sentido por homens e mulheres em relação ao sexo oposto”, no qual desenvolve suas hipóteses sobre o medo que as pessoas sentem em relação ao sexo oposto e sobre suas consequências para a construção da sociedade patriarcal. A partir da literatura e da mitologia, ela explica como os homens sentem uma atração violentamente intensa em relação às mulheres, de maneira que, ao lado do desejo por elas, existe um medo da ruína e da morte que elas podem causar. Um dos exemplos mencionados é a história de Ulisses, que precisou ser amarrado ao mastro de seu navio para resistir ao encanto das sereias, mas, ao mesmo tempo, se recusou a tapar seus ouvidos, pois desejava escutar o canto das belas criaturas femininas. Outro exemplo citado pela autora é o da história de Sansão e Dalila, na qual a mulher sedutora consegue retirar as forças do homem, ao cortar seu cabelo.

Os exemplos do medo masculino não se manifestariam somente em histórias fictícias, mas também em eventos reais, como na caça às bruxas. Retomando o exposto em “A desconfiança entre os sexos”, Horney (1931/1967) argumenta que a caça às bruxas ocorrida durante a Inquisição é um espelho claro da tentativa masculina de se livrar do medo das mulheres, objetificando-o. Dessa maneira, criou-se a ilusão de que as mulheres devem ser temidas não apenas por serem mulheres, mas por serem seres malignos, como bruxas e vampiras. Elas seriam a personificação do mal e do sinistro.

Desenvolvendo o que foi apontado em “A fuga da feminilidade: o complexo de masculinidade nas mulheres segundo as óticas masculina e feminina” (Horney, 1926/1967), a autora questiona se o impulso criativo masculino não deriva justamente do conflito entre o desejo e o medo que os homens sentem em relação às mulheres. Como Freud (1917/2013) especula em “O tabu da virgindade”, a defloração do corpo feminino representa uma ameaça aos homens, facilmente observada em povos chamados por ele de “primitivos”, que não se relacionam bem com o sangue vaginal, seja de origem menstrual ou proveniente da perfuração do hímen. Para Horney (1932/1967), os homens enxergam a primeira penetração forçada da vagina como algo perigoso, de forma que somente os corajosos, ou estranhos, que estão dispostos a arriscar sua vida ou sua masculinidade, podem realizar esse ato impunemente.

Horney (1932/1967) argumenta que o medo que os homens sentem em relação às mulheres é um assunto pouco trabalhado e explorado, justamente devido à tentativa de

camuflá-lo. Essa camuflagem, segundo ela, pode ser vista até mesmo em atitudes masculinas aparentemente positivas em relação às mulheres. Um exemplo é a adoração e o amor por mulheres com o pensamento de que: “Não há razão para temer um ser tão maravilhoso, tão belo ou mesmo tão santo” (Horney, 1932/1967, p. 106, tradução nossa). Por trás dessa afirmação, estaria presente a ideia de que “seria muito ridículo temer uma criatura que, se você considerar o todo, é algo tão pobre” (Horney, 1932/1967, p. 106, tradução nossa).

É possível observar que a hipótese de Horney é de que os homens criam uma sociedade com valores propícios ao apaziguamento de sua inferioridade na capacidade de gerar, camuflando-a em uma falsa inferioridade feminina. No texto de 1932, ela aponta que os homens utilizam da prerrogativa da falsa inferioridade feminina para esconder seu medo e proteger seu respeito próprio. Para o homem, seria mais suportável reconhecer o medo do pai, ou seja, de outro homem, do que reconhecer o medo que sente das mulheres.

Horney (1932/1967) considera que o medo das mulheres também se manifesta na homossexualidade masculina, na qual está presente a negação ou a fuga do genital feminino. A aversão à falta do pênis na mulher, abordada por Freud (1927/2014) em “O fetichismo”, seria, na verdade, secundária ao medo da vagina, fonte de grande angústia para os homens. Somente a angústia seria um motivo suficiente para impedir que a libido masculina siga seu caminho usual de união com a mulher, segundo Horney. Ela argumenta que Freud não consegue explicar adequadamente a angústia, pois a angústia de castração que o menino sente em relação ao pai não justifica o medo que os homens sentem das mulheres, ou seja, daquelas que supostamente foram castradas. Dessa forma, seria necessário um medo além do medo do pai, cujo objeto é o genital feminino e a mulher. A autora aponta que o medo da vagina não aparece apenas em pacientes homossexuais ou perversos, mas também nos sonhos de homens heterossexuais.

Horney utiliza o exemplo de um experimento conduzido com o objetivo de demonstrar o medo da vagina (Horney, 1932/1967). Nele, uma bola com uma fenda no meio foi mostrada para quarenta e sete crianças. Após introduzir seus dedos na abertura da bola e a alargar, a médica solicitou que as crianças reproduzissem o movimento. Dos vinte e oito meninos, apenas seis não hesitaram e imitaram o movimento. Oito deles não conseguiram o reproduzir. Das dezenove meninas, nove colocaram o dedo sem nenhum sinal de medo e as demais demonstraram um desconforto inicial, mas nenhuma angústia. A autora argumenta que esse experimento ilustra o medo que o menino sente da vagina, órgão feminino misterioso e desconhecido. Ela argumenta que essas atividades expressam o inconsciente infantil e que o medo da vagina presente nos meninos é paralelo à valorização do próprio pênis. Em “A gênese do complexo de castração nas mulheres” (Horney, 1923/1967), a psicanalista utiliza o exemplo de uma brincadeira, comum entre os meninos no início do século XX, na qual dois garotos urinavam em cruz para que a pessoa em que pensassem ao urinar falecesse. Ela considera que essa brincadeira exemplifica a valorização tanto do erotismo uretral, quanto do poder do pênis.

Para Horney (1932/1967), o temor da vagina muitas vezes seria camuflado pelo medo do pai e isso ocorreria por dois motivos. O primeiro é que a autoestima masculina sofre menos com o medo direcionado a outro homem do que com o medo direcionado a uma mulher. Além disso, o medo do pai apresenta um caráter mais tangível do que o medo da vagina.

A autora afirma que esse último medo apresenta uma característica misteriosa e faz uma analogia entre o medo do pai e o inimigo real e entre o medo da mulher a um fantasma. Um exemplo da diferença desses medos, diz ela, foi apresentado por Groddek em sua análise da fábula *Der Struwwelpeter*, em que é o pai castrador que corta o polegar, mas é a mãe que faz a ameaça (Horney, 1932/1967).

Dessa forma, Horney (1932/1967) considera que o medo da mulher ou da vagina possui um peso maior no desenvolvimento masculino, porém é mais energeticamente reprimido do que o medo da castração pelo pai. Em seu texto sobre o fetichismo (Freud, 1927/2014), Freud já havia apontado que o menino tenta substituir o falo da mãe por outra parte do corpo feminino, já que não consegue conceber a ideia de que as mulheres não possuem pênis.

Ao afirmar que o medo de castração é mais fraco que o medo da mulher, Horney questiona a centralidade da castração na psicanálise, assim como fez com a inveja do pênis. Ela não nega a existência desses sentimentos, mas repensa seu papel no desenvolvimento psíquico e descreveu certas características a eles relacionadas que não foram abordadas por Freud. Podemos dizer que ela aprofundou a compreensão desses fenômenos ao descrever aspectos do funcionamento mental feminino e masculino e ao introduzir novos elementos para a compreensão do desenvolvimento de homens e mulheres.

A autora aponta também que a angústia dos homens em relação às mulheres é mais visível na puberdade, pois o garoto já possui conhecimento consciente da existência da vagina. Nessa fase, ele precisa se livrar da relação incestuosa com a mãe e tentar dominar seu medo do sexo feminino. Segundo Horney (1932/1967), o medo da vagina é representado pelo medo do misterioso e do infamiliar, ligado diretamente à maternidade. Ao analisar o texto de 1926, é possível observar que tanto a inveja masculina, quanto o medo masculino, possuem relações intrínsecas com a incapacidade masculina de gerar e maternar.

Em seu texto de 1932, Horney comenta que, na fase fálica do desenvolvimento infantil, tal como descrita por Freud, a criança conhece apenas um genital, o masculino. No entanto, o impulso fálico inconsciente faz com que o menino, instintivamente, procure uma abertura no corpo feminino, que falta nele e que complete sua natureza. Ela considera que o desejo de penetrar está presente no menino, embora não necessariamente direcionado ao genital feminino, e se expressa nas brincadeiras infantis. No entanto, como ilustrado pelo experimento da bola, esse desejo de penetrar é acompanhado por um medo da vagina.

Horney (1932/1967) reconhece que a diferença biológica entre os sexos faz com que o desenvolvimento de meninos e meninas seja completamente diferente. Na natureza feminina, existe um condicionamento biológico de receber. Inconscientemente, a menina percebe que seu genital é muito pequeno para receber o pênis do pai e reage com angústia ao próprio desejo genital. Ela teme que seus desejos sejam realizados e que ela e seu órgão genital sejam destruídos. Já o menino, por outro lado, julga seu pênis pequeno demais para o genital materno e reage com temor de sua própria inadequação, de ser rejeitado ou ridicularizado.

A sensação de inadequação que o menino sente sobre seu genital começaria na fase fálica e continuaria nas fases seguintes, segundo Horney. Ela aponta que é possível observar, no homem adulto, uma angústia quanto ao tamanho de seu pênis e sua potência, o que é acentuado pelo fato de eles precisarem provar sua masculinidade para as mulheres na relação

sexual. Já a mulher, mesmo frígida, consegue realizar seu papel na relação sexual e conceber uma criança. Segundo a autora, essa característica sempre encheu os homens de admiração e ressentimento, explicitando seu sentimento ambíguo em relação às mulheres, de inveja, medo e admiração (Horney, 1932/1967).

Em “Sobre a sexualidade feminina” (Freud, 1931/2010), Horney afirma que Freud descreveu o fator mais óbvio da angústia masculina, ao explicar que é a mãe que proíbe as atividades instintuais, já que é ela que cuida da criança, e que a criança apresenta impulsos sádicos em relação ao corpo materno, ligados à raiva originada a partir das proibições impostas por ela. O medo direcionado à mãe faria com que o menino retirasse sua libido dela e a concentrasse nele mesmo, em seu genital. Dessa forma, ele conseguiria escapar de sua angústia e restaurar seu respeito próprio masculino ao fortalecer seu narcisismo fálico. Nesse estágio do desenvolvimento, o genital feminino seria negado. A autora afirma que essa fase por ela descrita é idêntica à fase fálica descrita por Freud (Horney, 1932/1967).

Para Horney, portanto, o medo que os meninos sentem das mulheres não derivaria da angústia de castração, mas sim da ameaça ao seu respeito próprio. Ela relaciona o medo masculino às experiências infantis vividas pelo filho com a mãe e considera que as decepções e angústias infantis, relacionadas ao sexo oposto, conduzem a um medo da mulher como um todo e da vagina.

Considerações finais

Em todos os textos analisados nesse trabalho, Karen Horney busca esclarecer alguns dos motivos que explicam as atitudes dos homens para com as mulheres, principalmente aquelas pautadas na inveja e no medo. O contraponto inicial, apresentado em “A gênese do complexo de castração nas mulheres” (Horney, 1923/1967) e em “A fuga da feminilidade: o complexo de masculinidade nas mulheres segundo as óticas masculina e feminina” (Horney, 1926/1967), entre a inveja do pênis e a inveja que o homem sente da mulher, questiona a concepção freudiana do desenvolvimento feminino. A autora reconhece a existência da inveja do pênis, mas argumenta que sua importância no desenvolvimento feminino foi superestimada na teoria freudiana. Ela também descreve alguns aspectos dessa inveja não abordados por Freud, especialmente o fato de que a possibilidade de ver e manipular o próprio órgão genital é o que mais desperta a inveja na menina. Embora reconheça o papel desempenhado pelos fatores biológicos no desenvolvimento psíquico, ao reconhecer a importância de diferenças anatômicas e, principalmente, ao analisar a gestação e a maternidade, ela transfere questões culturais e sociais de opressão para o cerne do sofrimento feminino e da organização social. Contudo, a psicanalista vai além, pois não apenas discute o desenvolvimento feminino, mas também propõe ideias que enriquecem e questionam a compreensão psicanalítica do desenvolvimento masculino.

Em “A desconfiança entre os sexos” (Horney, 1931/1967) e em “Medo da mulher: observações sobre a diferença específica no medo sentido por homens e mulheres em relação ao sexo oposto” (Horney, 1932/1967), Horney continua desenvolvendo suas hipóteses e argumenta que os homens sentem um medo das mulheres, o qual se soma ao medo da castração. Dessa forma, ela repensa o papel atribuído por Freud à castração, afirmando que o

medo que menino sente da mulher apresenta um papel mais importante no desenvolvimento masculino do que o medo da castração.

Horney apresenta, portanto, uma visão feminina do desenvolvimento masculino, elucidando pontos importantes não abordados anteriormente, talvez devido à resistência dos psicanalistas homens. Na elaboração de suas hipóteses, é perceptível uma crítica mais intensa à sociedade patriarcal em alguns trechos e mais branda em outros. A autora indica fatores psicológicos que contribuem para a construção de uma sociedade fértil para a sublimação da inveja e do medo masculinos e defende que essa sublimação justifica o impulso criativo predominante entre os homens ao longo da história ocidental. Dessa forma, sua contribuição se estende para além da elucidação da sexualidade e do desenvolvimento feminino e masculino, pois permite extrair conclusões que auxiliam a compreensão do contexto social e de sua influência no desenvolvimento da teoria psicanalítica.

O trabalho de Horney revela, portanto, as limitações da visão psicanalítica freudiana, construída principalmente a partir da perspectiva masculina, e mostra que a compreensão do psiquismo exige uma multiplicidade de pontos de vista. Ela introduz um olhar feminino sobre o desenvolvimento humano, permitindo que a inveja e o medo sejam compreendidos como construções atravessadas pelo social. Ao relativizar o protagonismo da castração e da inveja do pênis, Horney abre caminho para uma clínica contemporânea mais plural, capaz de acolher as complexidades do desenvolvimento masculino e feminino sem os reducionismos de gênero presentes em certas concepções psicanalíticas.

Referências

- Akçeşme, B. (2023). The traces of womb envy in the patriarchal pantheon in Greek mythology. *İnönü Üniversitesi Uluslararası Sosyal Bilimler Dergisi*, 12(2), 275-290. Recuperado em 20/08/2026 em: <<https://dergipark.org.tr/en/pub/inijoss/article/1359022>>.
- Balsam, R. (2013). Freud, females, childbirth, and dissidence: Margarete Hilferding, Karen Horney, and Otto Rank. *Psychoanalytic Review*, 100(5), 695-716. Recuperado em 20/08/2026 em: <<https://guilfordjournals.com/doi/10.1521/prev.2013.100.5.695>>.
- Bayne, E. (2011). Womb envy: the cause of misogyny and even male achievement? *Women's Studies International Forum*, 34(2), 151-160. Recuperado em 20/08/2026 em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0277539511000252?via%3Dihub>>.
- Deutsch, H. (1927). *The psychology of women: a psychoanalytic interpretation of female sexual functions*. London: Hogarth Press. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (2010). Sobre a sexualidade feminina. In Freud, S., *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1931).
- Freud, S. (2010). A feminilidade. In Freud, S., *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (P. C. Souza, Trad., pp. 263-293). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1933).
- Freud, S. (2013). O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). In Freud, S., *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 9). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1917).

- Freud, S. (2014). O fetichismo. In Freud, S., *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 17). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1927).
- Horney, K. (1967). On the genesis of the castration complex in women. In Kelman, H. (Ed.), *Feminine psychology* (pp. 37-53). New York: W. W. Norton & Company. (Obra original publicada em 1923).
- Horney, K. (1967). The flight from womanhood: the masculinity complex in women as viewed by men and by women. In Kelman, H. (Ed.), *Feminine psychology* (pp. 54-70). New York: W. W. Norton & Company. (Obra original publicada em 1926).
- Horney, K. (1967). The distrust between the sexes. In Kelman, H. (Ed.), *Feminine psychology* (pp. 107-118). New York: W. W. Norton & Company. (Obra original publicada em 1931).
- Horney, K. (1967). The dread of woman: observations on a specific difference in the dread felt by men and by women respectively for the opposite sex. In Kelman, H. (Ed.), *Feminine psychology* (pp. 133-146). New York: W. W. Norton & Company. (Obra original publicada em 1932).
- Horney, K. (1937). *The Neurotic personality of our time*. New York: W. W. Norton.
- Horney, K. (1939). *New ways in psychoanalysis*. New York: W. W. Norton.
- Horney, K. (1945). *Our inner conflicts*. New York: W. W. Norton.
- Paris, B. J. (1996). Introduction to Karen Horney. *The American Journal of Psychoanalysis*, 56(2), 135-140. Recuperado em 20/08/2026 em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/BF02733046>>.
- Silva, L. R., & Ferrari, A. G. (2023). A atualidade de Karen Horney: reflexões epistemológicas. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 12(23), 1-17. Recuperado em 20/08/2026 em: <<https://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/5069>>.
- Silveira, L. (2020). Feminismo e psicanálise. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, 6(3), 114-127. Recuperado em 20/08/2026 em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/feminismo-e-psicanalise/>>.

Male envy and fear in Karen Horney's work

Abstract

Throughout her work, psychoanalyst Karen Horney has addressed various aspects of female sexual development, from the formation of the castration complex in women to maternal conflicts. She proposed ideas that help us understand the influence of social context on the development of psychoanalytic theory and allow us to rethink the centrality that Freud gave to castration anxiety and penis envy in his theory. Although her primary interest was in female sexuality, the author theorised and described unprecedented facts about male development, particularly male envy, and fear. Despite its relevance, this aspect of her thought remains little known and explored. The aim of this article is to present Horney's hypotheses on male development through a conceptual analysis of four texts published between 1926 and 1932, in which the theme in question is addressed.

Keywords: Psychoanalysis. Karen Horney. Male Development. Fear. Envy, Femininity.

La envidia y el miedo masculinos en la obra de Karen Horney

Resumen

En su obra, la psicoanalista Karen Horney abordó diversos aspectos del desarrollo sexual femenino, desde la formación del complejo de castración en la mujer hasta los conflictos maternos. Ella propuso ideas que nos ayudan a comprender la influencia del contexto social en el desarrollo de la teoría psicoanalítica y nos permiten repensar la centralidad que Freud otorgó a la ansiedad de castración y a la envidia del pene en su teoría. Aunque su principal interés era la sexualidad femenina, la autora teorizó y describió hechos inéditos sobre el desarrollo del hombre, concretamente la envidia y el miedo masculinos. Sin embargo, este aspecto de su pensamiento sigue siendo poco conocido y explorado, a pesar de su relevancia. El objetivo de este artículo es presentar las hipótesis de Horney sobre el desarrollo masculino a través de un análisis conceptual de cuatro textos publicados entre 1926 y 1932, en los que se aborda el tema en cuestión.

Palabras clave: Psicoanálisis. Karen Horney. Desarrollo Masculino. Miedo. Envidia. Feminidad.

L'envie et la peur masculines dans l'œuvre de Karen Horney

Résumé

Tout au long de son œuvre, la psychanalyste Karen Horney a abordé divers aspects du développement sexuel féminin, tels que la formation du complexe de castration chez la femme ou encore les conflits maternels. Elle a proposé des idées qui permettent de comprendre l'influence du contexte social sur le développement de la théorie psychanalytique et de repenser la place centrale que Freud a accordée à l'angoisse de castration et à l'envie du pénis dans sa théorie. Bien que s'intéressant principalement à la sexualité féminine, l'auteur a théorisé et décrit des faits inédits sur le développement de l'homme, notamment l'envie et la peur masculines. Cependant, cet aspect de sa pensée reste peu connu et peu exploré, malgré sa pertinence. L'objectif de cet article est de présenter les hypothèses de Horney sur le développement masculin à travers une analyse conceptuelle de quatre textes publiés entre 1926 et 1932, dans lesquels le thème en question est abordé.

Mots-clés: Psychanalyse. Karen Horney. Développement Masculin. Peur, Envie. Féminité.

Submetido em: 31/08/2025

Revisado em: 07/03/2026

Aceito em: 14/03/2026